

“Gringas ricas”: Viagens sexuais de européias no Nordeste do Brasil.

Adriana Piscitelli – Texto apresentado na BRASA 2010- Sessão 11: 14:00-15:45, 24 de julho de 2010 (sábado) - Desejos, Migrações e Turismo

INTRODUÇÃO

Chegamos a Jericoacoara quase a meia-noite, com fome... Nos indicaram uma lanchonete freqüentada pelas pessoas nativas. Fernanda, minha assistente de pesquisa, com vinte e poucos anos, mesmo cansada, estava animada, alegre. E eu, esgotada. Fiz o pedido no balcão e paguei. Enquanto aguardávamos, ficamos conversando. Em uma mesa ao lado alguns homens nativos nos observavam. Um deles se aproximou e me pediu um cigarro. Enquanto dava o cigarro, olhei para ele. Estava descalço, vestia apenas uma calça branca, como de capoeirista. Seu corpo era magro, mas muito musculoso. Tinha o cabelo longo, alourado, rastafári e a pele queimada pelo sol. O tipo físico, freqüente na região, os olhos um pouco puxados, o rosto arredondado e a cabeça “achatada”, “caboclo”, faziam uma estranha combinação com o penteado. Pareceu-me próximo dos 30 anos. Ele abriu um sorriso para mim e movendo-se com um gingado corporal perguntou se íamos ao Mamma Afrika’s. Imaginei que fosse o “point” noturno desse dia. Devolvi o sorriso dizendo que não nessa noite, pois acabávamos de chegar. Ele me deu um beliscão suave no braço, passando a mão nele, quase uma carícia. Fiz um esforço para manter meu sorriso inalterado, imaginando que era um “caça-gringas”, talvez um potencial entrevistado. Nem olhou para a Fernanda, que é novinha. Centrou toda sua atenção em mim, bem mais velha e cansada, mas estrangeira. Ele foi embora, mantendo o gingado ao andar. Comentei o episódio com Fernanda, dizendo que a atenção talvez se devesse ao fato de eu estar na idade “certa”, associada ao meu sotaque. Ela, séria, me chamou a atenção para o fato de que também paguei a conta, sendo evidentemente eu quem tinha dinheiro.

Diário de campo, Jericoacoara, novembro de 2008

Esse trecho de diário de campo remete às interações entre mulheres estrangeiras e homens nativos em um lugar turístico do Nordeste do Brasil. Neste artigo¹ analiso essas interações considerando os relacionamentos sexuais e amorosos que têm lugar em duas cidades do litoral do estado do Ceará: Canoa Quebrada e Jericoacoara. Nos dois lugares é freqüente observar casais formados por pessoas nativas e estrangeiras. Em outros espaços turísticos do estado, esses casais são majoritariamente integrados por homens “de fora” com mulheres nativas. Nestes lugares, porém, também são visíveis aqueles formados por mulheres estrangeiras, de diferentes idades, e jovens nativos.

¹ O texto está baseado em resultados de pesquisa apoiadas pela Fapesp: o auxílio a projeto ao projeto temático “Gênero, Corporalidades”, coordenado pela Profa Mariza Corrêa, processo 03/13691-0, concluído em maio de 2009 e o auxílio a projeto individual “Relações transnacionais, prostituição e namoros de verão: gênero e sexualidade no contexto do turismo sexual internacional em Fortaleza”, processo 00-10363-3. A pesquisa de campo realizada em Jericoacoara contou com a colaboração de Fernanda Leão, aluna de graduação em Ciências Sociais da Unicamp.

Esses relacionamentos, marcados por desigualdades produzidas no entrelaçamento de diferenças de nacionalidade, classe social, gênero e “raça” freqüentemente envolvem intercâmbios sexuais e econômicos. Ao combinar esses aspectos, eles remetem a um dos temas mais pesquisados em termos das relações entre sexualidade e turismo internacional em regiões pobres do mundo e em torno do qual se criou um campo de estudos marcado pelo dissenso: o “turismo sexual”.

As divergências sobre essa problemática abrangem diversos aspectos. Um deles refere-se aos limites dessa noção, formulada para analisar o turismo massivo à procura de sexo no Sudeste da Ásia. A idéia inicial de que o turismo sexual se refere a viagens de homens brancos do “Primeiro Mundo”, destinadas a consumir sexo com prostitutas de países pobres (Truong, 1990), foi questionada a partir de estudos realizados em diversos países do Sul que contemplaram diferentes categorias de viajantes, incluindo mulheres heterossexuais e homens homossexuais, de países distantes e vizinhos, de diversas “cores” de pele, e uma variedade de modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos (Opperman, 1999; Piscitelli, 2007). A noção de “turismo sexual” foi alargada para contemplar essas “variedades”, mas essa ampliação conduziu a alguns pesquisadores a problematizar sua rentabilidade analítica (Fosado, 2004; Cabezas 2009). As discrepâncias no debate também envolvem distintas percepções sobre como operam as distribuições diferenciadas de poder e as dinâmicas de gênero nos relacionamentos entre visitantes e nativos/os. Essas divergências são mais acentuadas quando se trata de viagens de mulheres de países do Norte a regiões pobres do mundo.

O interesse acadêmico por essas viajantes remete à década de 1970², mas a disseminação de pesquisas sobre elas começou mais tarde, nas décadas de 1990 e 2000, dando lugar a uma produção que compartilha as preocupações presentes nos estudos sobre turismo sexual masculino e que freqüentemente os toma como referência. As pesquisas sobre estrangeiras que se relacionam com homens nativos realizadas em lugares turísticos na África, Sudeste da Ásia, Caribe e América do Sul, mostram quatro posições centrais.

Na primeira, considera-se que as viajantes de países “ricos” tiram partido dos privilégios conferidos pela articulação entre nacionalidade, classe social e raça para consumir sexo, permeado por fantasias racializadas do exotismo, oferecido por homens nativos de lugares pobres (Kempadoo 2001; O’Connell Davidson 1999; Brennan, 2004). No marco dessas interseções, as turistas de países ricos são consideradas, de maneira análoga aos homens desses países, turistas sexuais que

² As primeiras análises sócio-antropológicas sobre esse tipo de viagens remetem às décadas de 1970 e 1980. São textos que descrevem os relacionamentos entre mulheres suecas e jovens de Gâmbia na África e os processos migratórios decorrentes desses contatos no marco do turismo (Wagner, 1986) e as interações entre turistas ocidentais e jovens árabes em Israel (Cohen, 1971). Essas pesquisas foram realizadas em contextos nos quais os relacionamentos amoroso/sexuais dos homens nativos com mulheres de países ricos aparecem como meio privilegiado para interromper as barreiras sociais e políticas que impossibilitam a mobilidade social. Na época em que foram publicados, porém, esses estudos parecem ter tido pouco impacto.

objetificam e exploram sexualmente os homens nativos porque utilizam seus privilégios para obter “vantagens” sexuais (Sanchez Taylor, 2006)

Na segunda posição, avalia-se que as configurações de gênero têm o efeito de nuançar a objetificação e eventual exploração desses homens. Os códigos “Ocidentais” de gênero fazem com que as mulheres procurem romance e relacionamentos duradouros e, como viajantes, busquem um contato mais próximo com a cultura nativa, interessadas em enriquecer a experiência de viagem através de uma aproximação com a cultura. Elas se envolvem em viagens de “turismo à procura de romance”, nas quais os homens nativos, como intermediadores culturais, abrem o acesso ao lugar visitado. A particularidade dessas viagens é que os privilégios dessas mulheres lhes permitem o ensaio de novos papéis, em relacionamentos nos quais está presente um estilo de romance que possibilita a assertividade e o controle femininos (Pruitt e Lafon, 1995).

Essas duas posições, embora divergentes, chamam a atenção para as ambigüidades presentes em relacionamentos nos quais as mulheres preferem apagar ou ignorar os intercâmbios econômicos neles presentes. A atenção às ambigüidades também está presente na terceira posição, que se desloca da oposição entre “turismo sexual” e “turismo romance”, ao enfatizar a diversidade de relacionamentos entre estrangeiras de países ricos e homens nativos de regiões pobres, mostrando que o foco pode estar no sexo, no romance, em uma combinação de ambos ou, ainda, na procura de companheirismo (Herold, Garcia e DeMoya, 2001). Essas abordagens não negam os imaginários racializados e as vantagens estruturais dessas viajantes, mas sublinham a fluidez presente nesses relacionamentos, nos quais desejo e controle são permanentemente negociados, particularmente no espaço da intimidade (Frohlick, 2007).

Finalmente, a quarta posição se diferencia das anteriores porque considera que as desigualdades de gênero são englobantes. Essas mulheres viajantes não podem ser consideradas como “turistas sexuais”, nem têm as possibilidades de controle atribuídas às mulheres que praticam o “turismo romance”. A idéia é que as configurações de gênero situam as mulheres, apesar de seus privilégios, necessariamente em posições subordinadas (Jeffreys 2003).

Neste texto dialogo com essas discussões tomando como referência as experiências sexuais e emocionais de mulheres heterossexuais, predominantemente européias. Presto particular atenção às relações entre noções de viagem, liberdade, escolha e prazer sensual que, em suas percepções, tornam os lugares visitados em verdadeiros “paraísos”. A escolha de homens nativos como parceiros sexuais e amorosos, vinculada a noções racializadas e sexualizadas de etnicidade/nacionalidade, está permeada por esse conjunto de conceitualizações. Meu principal argumento é que a atração que essas mulheres exercem nesses lugares está vinculada à sua posição privilegiada, produto do entrelaçamento entre classe, “raça” e nacionalidade. Essa

posição, porém, se vê profundamente alterada quando elas abandonam o status de turistas e passam a residir nas comunidades como mulheres “de fora”³.

Nas primeiras partes do artigo descrevo os cenários nos quais foi realizada a pesquisa e as interações entre viajantes estrangeiras e homens nativos. Analiso depois as experiências sexuais e amorosas das entrevistadas. Finalmente, traço um contraponto entre esses relacionamentos e as discussões sobre “turismo sexual” feminino, considerando como as interseções entre diferenciações operam no processo mediante o qual as viajantes estrangeiras se tornam residentes nos locais.

MÉTODOS

A pesquisa, realizada em uma abordagem antropológica, teve lugar em diferentes momentos, entre 2000 e 2008 e é parte de um estudo mais amplo sobre os impactos do turismo internacional nas escolhas sexuais e afetivas da população nativa do Estado de Ceará (Piscitelli, 2007; 2004). Esse estudo foi desenvolvido durante 18 meses, distribuídos principalmente em várias “altas temporadas”, nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto. Foram realizadas entrevistas com 94 pessoas, incluindo homens e mulheres estrangeiros/as e homens e mulheres nativos/as envolvidos/as em relacionamentos transnacionais e agentes vinculados pelo seu trabalho ao turismo e à prostituição no Estado do Ceará. O “campo” envolveu um intenso trabalho etnográfico, combinando observações, conversações não estruturadas e a realização de entrevistas em profundidade. A maioria das entrevistas foi registrada com gravador, além disso, nos diários de campo foram registradas as observações e as conversações informais e observações.

Neste artigo, analiso os relatos de 19 mulheres estrangeiras que mantiveram relacionamentos sexuais e afetivos com homens nativos e de 4 homens que se relacionaram sexualmente com estrangeiras. As entrevistadas são mulheres consideradas brancas, com idades entre os 20 e os 60 anos. Entre elas, 16 são ou foram residentes em Canoa Quebrada ou, sobretudo, em Jericoacoara, onde concentrei a observação e permaneci nesses lugares por períodos que variam entre 2 meses e 16 anos. As restantes são turistas passando apenas dias ou semanas em uma das duas vilas. Duas entrevistadas são latino-americanas, uma colombiana e uma argentina, e as demais se dividem entre italianas (5); alemãs (3); suíças (3); espanholas (2); francesas (2) e holandesas (2). Algumas têm educação superior (6), mas a maioria completou o ensino médio e desempenhava na Europa ocupações no setor do comércio ou de serviços com salários médios ou baixos. Trabalhavam como professoras, maquiadoras, secretárias, em cooperativas, como vendedoras em lojas de

³ Observo que este ponto não foi ignorado na produção sócio-antropológica sobre a problemática, mas não tem ainda suscitado a suficiente atenção. Tomando como referência dados de pesquisa sobre turismo sexual na Jamaica, Sanchez Taylor (2001) afirma que para as mulheres, o privilégio branco pode desvanecer-se quando elas se envolvem em relacionamentos permanentes com homens negros, mas o contrário não sucede com os privilégios dos homens brancos. Em seu estudo sobre visitantes estrangeiras em Costa Rica, Susan Frohlick (2007) também menciona as dificuldades, incluindo abuso doméstico e pobreza, enfrentadas pelas mulheres que decidem permanecer no lugar estudado.

roupas, no setor de turismo ou como instrutoras de esportes. Ao instalar-se no Brasil, a maioria se dedicou a empreendimentos turísticos, montando ou administrando pousadas, restaurantes e bares. Poucas tiveram filhos no Brasil e, entre as mais velhas, foram freqüentes os relacionamentos com homens entre 5 e 20 anos mais novos. Todas as que se estabeleceram no Brasil fizeram esforços para adquirir no exterior o capital necessário para iniciar seus empreendimentos no Brasil, inclusive vendendo seus bens no exterior.

Os homens entrevistados são nativos ou originários de cidades maiores, como Fortaleza, que residem por muitos anos nos locais considerados. Eles têm entre 25 e 55 anos e são capoeiristas, instrutores de kite surfe ou músicos e têm ensino médio completo ou incompleto. A maior parte das entrevistas foi realizada em português, e as demais em inglês e espanhol. É importante observar que, embora seja latino-americana, não sou brasileira. Minha condição de estrangeira marcou várias das interações e diálogos, particularmente com os homens nativos.

CENÁRIOS

De fora chega/ O cidadão estrangeiro/ Bom amigo e companheiro/Com o povo do
lugar/

Vem gente... Do globo terrestre inteiro/Com destino a Ceará... O visitante, o
turista... quando entra no salão leva dinheiro/moeda do mundo inteiro/Não tem
pena de pagar

A história de Jericoacoara em versos de embolada⁴

No estado do Ceará, ainda são escassas as turistas estrangeiras que viajam sós ou sem companhia masculina. A presença de estrangeiras, particularmente daquelas à procura de encontros sexuais com homens nativos, porém, é recorrente nas narrativas sobre “Jeri”, denominação que localmente recebe Jericoacoara, e também sobre Canoa Quebrada. Os relacionamentos entre viajantes estrangeiras e homens nativos nesses lugares devem ser situados no âmbito das alterações nas relações sociais vinculadas ao veloz e intenso desenvolvimento do turismo. Nesse sentido, é importante ter em conta o processo de comercialização das relações sociais e a transnacionalização promovidos pelo turismo e seus efeitos nos códigos locais de gênero e sexualidade.

Os dois lugares, Canoa, no litoral nordeste e Jeri, no litoral oeste do Ceará, compartilham alguns aspectos. Em um passado recente, foram vilas isoladas, de difícil acesso, cujas principais atividades econômicas eram a pesca, a criação de pequenos animais e, no caso de Canoa, também o artesanato, a produção de rendas. Nos relatos de nativos e residentes, em Jeri, duas décadas atrás, a economia ainda operava na base da troca. Segundo um cearense, proprietário de pousada, que mora há 20 anos no lugar:

⁴ Esses versos fazem parte de literatura de cordel, uma manifestação de arte popular tradicional, na qual se narram histórias através de versos rimados (Canuto, 2008).

Quando eu cheguei aqui tinha um comércio de permuta. Todo dia chegavam os pescadores e as mulheres com bacia na cabeça, com tapioca, castanha assada, manga, com caju para trocar por peixe... O que precisava naquela época era só dinheiro para comprar arroz, que eles não produziam aqui.⁵

As duas vilas foram “descobertas” por turistas “alternativos” que passaram a hospedar-se nas casas dos habitantes locais. Em um processo que rapidamente as levou a serem integradas nos circuitos turísticos organizados, passaram a ocupar a lista dos principais lugares procurados pelos turistas no estado, fora do litoral de Fortaleza.⁶ Durante esse processo, parte significativa das atividades econômicas tradicionais foi abandonada e substituída pelos serviços voltados para o turismo. As pessoas se integraram no mercado de trabalho informal ou formal de serviços turísticos, em situações freqüentemente pouco igualitárias em relação a pessoas “de fora”. E, nos dois lugares, houve relevantes alterações na ocupação do espaço e na produção de desigualdades nas comunidades. Tanto em Canoa como em Jeri, parte importante da população nativa vendeu suas terras frente ao mar⁷. Na descrição que um vigia fez da ocupação do espaço em Jeri:

Moradores que mantiveram as casas aqui, não passam de cinqüenta. O pessoal de fora foi comprando tudo. Eles venderam, achando que era um dinheirão, que não era. E os de fora montaram essas pousadas aqui. E fazem dinheiro...

Diário de campo, Jericoacoara, 2008

Um artista plástico cearense descreve um processo análogo em Canoa Quebrada: “Havia o nativo que era o dono... depois o nativo vendeu a terra para outras pessoas, e hoje o nativo é empregado das pessoas”⁸. Os relatos sobre o passado recente dessas vilas assinalam a existência de distinções sociais anteriores ao turismo, mas mostram a percepção de que ele contribuiu para intensificar a distância social entre a população nativa, marcando a diferença entre os que enriqueceram através dos empreendimentos turísticos e aqueles que se tornaram mão de obra. As narrativas também aludem, como em outras vilas de pescadores do nordeste que se tornaram lugares turísticos, à rápida comercialização das relações sociais (Robben, 1982), no sentido em que práticas que no passado eram realizadas em benefício de outras pessoas, como parte da inserção em circuitos de reciprocidade, passaram a ser vendidas.

Nos dois lugares, os estrangeiros fizeram parte dos primeiros hóspedes “de fora”. Uma moradora de Jeri, viúva de um dos homens “ricos” da cidade, lembra dessa chegada. Ela é proprietária de uma pousada que hoje cuidam seus filhos, também donos de uma

⁵ Entrevista realizada em novembro de 2008.

⁶ Segundo e terceiro respectivamente, depois do Cumbuco, em 2005 (Molina, 2007).

⁷ Esse processo é mais visível em Jeri, pois em Canoa, uma vilinha ao lado, quase um bairro, Esteves, ainda concentra pescadores.

⁸ Entrevista realizada em Fortaleza, em 2002.

das lojas mais requintadas da praia, que simboliza o sucesso obtido pela família, em duas gerações. Ela narra a história do primeiro “gringo”⁹ que chegou à praia e se hospedou na sua casa durante muitos meses, na década de 1970.¹⁰

Ao longo do processo de intensificação do turismo, os dois lugares atraíram proporcionalmente mais estrangeiros que outras partes do estado¹¹. Muitos passaram a ser residentes, tornando-se proprietários de empreendimentos turísticos.¹² Os “nativos mesmo”, nascidos nas vilas, convivem continuamente com os estrangeiros que, residentes ou turistas, fazem parte do seu mundo do trabalho, como patrões ou clientes, e também das atividades de lazer e da sociabilidade. No processo de intensificação do turismo, as antigas vilas de pescadores se tornaram espaços transnacionais. Uma série de laços sociais e econômicos, criados a partir dos investimentos e da migração de estrangeiros envolvidos em empreendimentos turísticos e, às vezes, relações matrimoniais e de parentesco, as conectam com diversos países.

Canoa e Jeri, porém, tem histórias diferentes e atraem estilos de turismo distintos. A “descoberta” turística de Canoa, que remete ao final da década de 1960, foi anterior a de Jeri. De acordo com Dantas (2003), em um primeiro momento, o turismo alternativo considerou Canoa como um lugar de imensa beleza, habitado por uma comunidade organizada de maneira simples. Nas décadas de 1970 e 1980, o lugar se tornou internacionalmente conhecido também pela liberdade em uma diversidade de práticas, incluindo o consumo de drogas, a prática do nudismo e os relacionamentos sexuais. A partir da década de 1980, com a abertura da estrada que chega ao centro da vila, houve um aumento significativo do turismo e um crescimento veloz e desorganizado do lugar. Canoa também passou a ser considerada um lugar de elevada incidência de Aids e, a partir de finais da década de 1990 de “turismo sexual” internacional. Na metade da década de 2000, a população estável tinha aumentado, chegando a ter pouco mais de 4000 residentes. Nos circuitos de turismo alternativo se

⁹ Termo que alude a estrangeiro, pode ser meramente descritivo, mas, em certas situações pode ser utilizado de maneira pejorativa.

¹⁰ No relato, ele parece quase um náufrago, que chegou de muito longe, sem falar a língua. Ela o acolheu no seio da família, que dividiu com ele a comida em uma época de escassos recursos, montou uma rede para ele na casa e lhe ensinou português. Em troca, o “gringo” ia de jangada a uma cidade próxima, e fazia compras no “mercantil” para a família. Quando partiu deixou um dinheiro desconhecido, de cor verde, que um genro da senhora trocou por dinheiro brasileiro em Fortaleza. O “gringo” deixou também a recomendação de que ela usasse o dinheiro para reformar a casa, preparando-a para futuros hóspedes, que não tardaram em chegar.

¹¹ Na metade da década de 2000, em Jeri, os estrangeiros superavam o de 40% do fluxo de turistas (Molina, 2007)

¹² De acordo com Molina (2007), em Jericoacoara, em 2007, apenas 30% dos meios de hospedagem eram propriedade dos nativos. Os estrangeiros e pessoas de outras partes do Brasil se estabeleceram como donos dos mais valorizados pontos de serviços e italianos e portugueses detêm a maior participação dos investimentos estrangeiros no local.

considerava que já tinha “acabado” e perdido a “magia”¹³. O lugar, porém, integrado nos circuitos turísticos organizados que partem de Fortaleza, passou a viver uma nova intensificação do turismo. Hoje ele recebe visitantes com diferentes capacidades de consumo, incluindo pessoas de cidades relativamente próximas. Nessa heterogeneidade, ainda persistem os estrangeiros que procuram beleza natural e algo de “primitivismo”.

Jericoacoara, com pouco mais da metade de população estável que Canoa, foi “descoberta” um pouco mais tarde¹⁴. No início da década de 1980, o turismo era basicamente “alternativo”. A energia elétrica só chegou ao lugar no final da década de 1990, quase paralelamente aos investimentos turísticos voltados para os esportes náuticos. O lugar entrou no roteiro internacional “dos ventos”, no circuito de windsurfe e *kitesurf*, esportes custosos que contribuíram para atrair um tipo de turismo estrangeiro com maior poder aquisitivo¹⁵. O “clima” de Jeri hoje é cosmopolita, criado pela intensa circulação de pessoas de diferentes nacionalidades, os restaurantes com comida de diversas partes do mundo e os *cyber-cafés*. Muitas pessoas nativas falam duas ou mais línguas e várias têm viajado ao exterior através dos contatos viabilizados pelos esportes náuticos e dos relacionamentos com estrangeiros/as.

Nesse processo, o crescimento do lugar foi relativamente mais organizado do que em Canoa¹⁶. Jeri é um lugar de ruas de areia, que apresenta um ar cuidado, com construções em um estilo predominantemente rústico-chique. As pousadas que estão na praia são sofisticadas e caras. O estilo das construções, os fios elétricos subterrâneos, as lojas e os restaurantes requintados e a intensa circulação de estrangeiros imprimem em boa parte do lugar o ar de um *resort* internacional e algo de artificialidade. Essas impressões foram registradas no diário de campo:

¹³ Segundo um proprietário de pousada: “Canoa até reagiu já, hoje ela mudou. Droga, sexo. Tiveram que retomar a situação, pois perderam turismo com isso. Tem uma história de porque a cidade se tornou assim. Quem fez isso em Canoa Quebrada foi em 83. Foram gravar um filme lá. Nastassia Kinsky e Edu Moskovi. A produção ficou na cidade uns três meses. E era muita droga, sexo e rock and roll, esse povo. Com o povo local. Quando eles foram embora ficaram como o vício da coisa. Isso e o pessoal de Fortaleza ir sempre para Canoa Quebrada porque tinha uma noite muito boa. E o povo da região também”. Entrevista realizada em novembro de 2008.

¹⁴ Na metade da década de 1980, sua aparição no *The Washington Post* incluída entre os 10 lugares mais belos do mundo, colaborou para sua difusão no circuito turístico internacional. Nos relatos, a distância de Fortaleza (350 quilômetros) e a dificuldade de acesso colocada pelos 19 quilômetros de dunas que rodeiam a vila contribuíram para “proteger” o lugar, evitando que tivesse a mesma história que Canoa.

¹⁵ O *Wind Club*, que congrega os praticantes desses esportes, chama a atenção pela extremada sofisticação das instalações e pela segregação. Excetuando as pessoas que nele trabalham e os instrutores, não é praticamente freqüentado por brasileiros.

¹⁶ Digo relativo, levando em conta as diversas transgressões às disposições de controle de edificações e às constantes tensões entre a comunidade de moradores, a prefeitura e o governo de Estado que constantemente alteram legislações para promover o crescimento e o progresso da cidade. Para uma discussão detalhada dessas tensões ver: MOLINA, 2007.

Nesta época do ano, com poucos turistas brasileiros, impressiona a quantidade de estrangeiros, homens e mulheres. Há nórdicos, muito louros, altos, de pernas compridas. Há estrangeiros também trabalhando nas pousadas e restaurantes... Os nativos pobres estão quase segregados, afastados, na Nova Jeri. Atravessando a rua do forró, no final de tarde, vejo uma casa de morador com luz acesa. Embora digna, a casa é pobre. Não há quase nada dentro: um sofá, uma rede. Na porta conversam senhoras com aspecto simples, batas de algodão, coques grisalhos, pele enrugada e queimada pelo sol. A mistura entre esse tipo de casas, pousadas e bares é comum nas ruelas de Canoa. Mas, em Jeri, a luz acesa dessa única casinha, uma lâmpada pendurando de um fio, no meio de pousadas e restaurantes muito “chiques”, parece iluminar a artificialidade de todo o resto.

Diário de Campo, novembro de 2008

As diferenças com Canoa, porém, não eximem Jeri de problemas. Os escassos estudos sobre o lugar apontam para os problemas sociais acarretados pelo turismo: a especulação imobiliária, a perda de identidade da população local em função da invasão de turistas, as tensões entre nativos e “adventícios” (Fontenles, 1998), a difusão do uso de drogas, principalmente o *crack*, e, embora não seja considerado um lugar de “turismo sexual” como Canoa, o aparecimento de uma prostituição ainda “não explícita” (Molina, 2007).¹⁷

A percepção desses problemas faz com que alguns residentes “de fora” lembrem com nostalgia o passado recente. Eles sentem falta da vida comunitária, da natureza quase intacta, do ritmo de vida em harmonia com o ciclo cotidiano do dia e da noite. Uma professora de escola, colombiana, de 31 anos, residente na cidade há 10 anos lembra esse momento na história da vila:

Cuando llegué aquí... no había energía eléctrica, llegó en el 99. Alcancé a vivir momentos de un lugar simple, diferente, muy primitivo todavía, una villa de pescadores que se sustentaban de la pesca. Eran muy unidos, entonces tú conocías a las personas... no había mucha diferencia [entre ellos]. Se reunían para comer un pescado, así en el fuego, cantaban juntos... Cuando llegó la energía comenzó, poco a poco a mudar todo. Todas las personas comenzaron a dormir más tarde, llegó la radio, llegó la televisión. También comenzó a llegar más turismo.¹⁸

Essa visão nostálgica, porém, não é unívoca. Muitos residentes percebem as mudanças atribuídas ao turismo como positivas. Parte da população local considera a época na

¹⁷ Essas idéias também fazem parte das preocupações dos moradores de Jeri, que se queixam do aumento dos roubos; do perigo, principalmente para as mulheres, de serem atacadas em lugares distantes do centro da vila. Nos relatos há alusões veladas a estupros, e chamadas de atenção para as turistas não se afastarem. Recentemente, uma tentativa de estupro foi denunciada por uma estrangeira, que acabou tendo que deixar o lugar. JERICOACOARA, Turista estrangeira vítima de tentativa de estupro, Diário do Nordeste, 27/2/2010, in: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=742473>. Agradeço a Fernanda Leão ter me enviado o artigo.

¹⁸ Entrevista realizada em novembro de 2008.

qual a subsistência dependia da pesca como um período difícil, de trabalho pesado e penúria econômica. Os mais jovens valorizam o turismo, considerado fonte de oportunidades econômicas, e as vinculações com o exterior por ele viabilizadas e sentem orgulho de viver em lugares que, em suas percepções, são “uma esquina do mundo”.

Nessas leituras, o turismo é visto como fonte de oportunidades econômicas com efeitos benéficos em termos do aumento no grau de escolaridade e na qualificação da população nativa¹⁹ e também no que se refere a transformações nos códigos de gênero e sexualidade. Os aspectos mais destacados são o relativo aumento no igualitarismo nas relações entre homens e mulheres, a menor visibilidade da violência doméstica e o aumento da idade em que as jovens engravidam, em relação às gerações anteriores. O relato de um proprietário de pousada de Jeri, no qual o sistema de emprego gerado pelo turismo opera à maneira de controle social sobre a violência contra as mulheres, dá um exemplo dessas percepções:

No passado, aqui, as mulheres apanhavam dos maridos. Os homens estavam bêbados no meio da rua. Brigavam muito... por conta da cachaça. O que aconteceu? Quando começou o turismo internacional... a patroa sabia que o homem bate na mulher, então dispensava ele. E eles começaram a perceber que tinha uma sociedade que cobrava isso deles. Hoje você não vê uma mulher apanhar, é raro ver. Antes se via. No meio da rua... As pessoas aqui sempre transaram cedo. As mães dessas garotas tiveram elas, tipo com treze anos, quinze anos... Hoje você vê as meninas, de 17 anos, elas não querem casar, ainda estão estudando. Tem uma vida sexual, entre os parceiros, amigos, namorados, essa coisa toda²⁰.

TURISMO E SEXUALIDADE

Os estudos que tratam das recentes alterações em termos de gênero e sexualidade em comunidades litorâneas e do interior do Nordeste chamam a atenção para os amplos processos de mudança que vêm afetando as comunidades com ou sem turismo, vinculadas à urbanização, ao crescimento econômico, a programas do governo e à melhora dos serviços públicos. A ampliação e diversificação da integração das mulheres no mercado de trabalho, mesmo quando oferece ocupações de baixa renda, teria efeitos nas dinâmicas de gênero, chegando a equilibrar ou reverter as relações em termos de poder e decisão domésticos (Rebhum, 2004; Robben, 1982).

De acordo com esses estudos, essas mudanças convivem com noções tradicionais de gênero e sexualidade, em contextos nos quais os estilos valorizados de masculinidade envolvem homosociabilidade masculina, consumo de álcool e disposição para

¹⁹ Até poucos anos atrás não existia ensino médio em Jeri. Era necessário atravessar as dunas para estudar em Jijoca, mas em 2008 uma experiência piloto oferecia aos estudantes a possibilidade de cursá-lo na cidade. Diversos agentes destacaram a importância da ação do SEBRAE em termos de qualificação dos trabalhadores no setor de turismo.

²⁰ Entrevista realizada em novembro de 2008.

relacionamentos fora do casamento (Ribeiro, 2006). E, ao contrário, uma sexualidade relativamente mais controlada e uma boa reputação sexual são marcas das feminilidades positivamente avaliadas (Rebhum, 2004). Os jovens incorporariam aspectos dessa sociabilidade e dessas noções, mas também se distanciariam delas, com comportamentos que dão lugar a tensões com as gerações mais velhas. (Ribeiro, 2006; Fontenles, 1998).

Em Jeri e Canoa, esse conjunto de transformações é inseparável do turismo. Economia, sociabilidade e sexualidade se entrelaçam em processos que conduzem a muitas pessoas locais a escolherem parceiros/as de outras nacionalidades, principalmente de países “ricos”. Esse tipo de escolhas não é recente. Nos dois lugares, os visitantes estrangeiros rapidamente se integraram no circuito de trocas sexuais, afetivas e matrimoniais das populações nativas. Nas paredes do café considerado como o melhor de Canoa Quebrada há quadros com fotografias antigas. Algumas parecem imagens de uma expedição antropológica. Mostram um homem branco, rodeado de nativos, de pele mais escura, todos olhando seriamente para a câmara fotográfica. O proprietário do café, um homem do sul do Brasil, de olhos azuis, que casou com uma mulher nativa, nos explica o que estamos vendo. O homem que tomei por expedicionário foi o primeiro visitante estrangeiro que apareceu em Canoa. Era um francês que, de acordo com os relatos, inaugurou a longa sucessão de relacionamentos amorosos transnacionais. Segundo o narrador:

Não sei ao certo se foi em 1965 ou 1966. Casou com uma nativa, ficou um tempo, depois levou ela a França. Tiveram 3 filhos, as duas filhas casaram na França, o menino ficou em outro país europeu. O francês morreu, a mulher voltou, mora aqui do lado, no Esteves, já está com mais de 70 anos. Já são três gerações de casamentos, com filhos... Essa menina na foto é uma prima da minha esposa, que casou com italiano, teve uma filha... Outra prima casou com um francês...

Diário de Campo, Canoa Quebrada, abril de 2008

Nos relatos, porém, a opção dos homens locais por estrangeiras é mais recente. E, nessas escolhas, as oportunidades oferecidas pelos relacionamentos com essas mulheres não podem ser separadas dos estilos de relacionamento menos regrados e controlados que é possível ter com elas. Um jovem nativo, instrutor de *kitesurf*, de 25 anos, situa a história de seus namoros no marco das transformações associadas ao turismo:

[O turismo] foi uma mudança legal, entendeu? Tanto para os nativos como para as pessoas visitantes... Influenciou muito a gente ter esse contato diretamente com o pessoal de outros países... Todo mundo teve uma opção de mais trabalho, conhecer outra língua... Eu até estava namorando... Minha namorada era de Jeri. Só que ela não saía muito. Eu ia pra noite... Tive um caso com uma menina estrangeira [durante] 2 anos... Era italiana... Ela tinha 22, e na época eu tinha 18.

Ela fez a aproximação... Já [tive] várias [namoradas]. No dia a dia em Jeri é assim. Você sai à noite, você encontra alguém... aqui nada é duradouro...²¹

Esse “clima” de encontros permeia o turismo jovem, mas também envolve pessoas de mais idade. Um músico brasileiro cinquentão que após ter morado em Canoa, reside em Jeri faz 20 anos, narrou a história de seus relacionamentos com mulheres “de fora”, em um estilo de interação “carinhoso”. Enquanto conversava comigo em uma discoteca ia roçando-me, aproximando-se, pegando em meus braços:

Tive 3 mulheres. Uma mulher, de Fortaleza. Depois, uma italiana. Tenho uma filha com ela, que mora na Itália. Ela tem 12 anos, fala 4 línguas, falo com ela 3 vezes por semana. Minha melhor amiga é a mãe dessa menina. A terceira foi uma espanhola. Ela tem uma casa aqui. Agora estamos separados... Gosto de estrangeiras... Têm a cabeça mais aberta. São menos ciumentas.

Diário de campo, Jericoacoara, 2008

Em Jeri, os efeitos do alargamento no leque de escolhas sexuais e amorosas, porém, também são olhados com ambivalência. De acordo com os relatos, a iniciação sexual ainda é realizada com parceiros/as nativos/as, mas esses namoros são rapidamente substituídos pelos relacionamentos com turistas. Um dos principais aspectos negativos associados a esses relacionamentos é sua banalização, resultado da afluência de mulheres “de fora” e de sua acessibilidade sexual. Comentando as práticas dos garotos da escola, a professora colombiana observou:

En la fase cuando comienzan a descubrir los primeros relacionamientos, adolescentes todavía [se interesan por las chicas de aquí]. Pero después... esa situación cambia totalmente... En el momento en que los relacionamientos debían ser más profundos, porque ellos se forman como hombres realmente tipo ya después de los 18... la mayoría está queriéndose relacionar con las extranjeras... Se están banalizando los relacionamientos... se está convirtiendo en una cosa como de ¡ah! ... principalmente los más jóvenes: ‘hoy me voy a *pegar* esa gringa ahí y mañana vamos a ver qué va a dar’.²²

Nos termos de uma espanhola, casada com um homem local, que reside em Jeri:

Llega un momento en que los corazones se hacen de piedra aquí. En los sitios turísticos, los hombres y las mujeres suelen tener el corazón más de piedra porque continuamente tienen una misma historia, con todo el mundo. Llega el mejor momento de la relación y ya está.

Paralelamente, os relatos sobre relacionamentos entre pessoas nativas e estrangeiras recorrentemente descrevem os benefícios obtidos nesses relacionamentos, aludindo a trocas sexuais e econômicas. Em Jeri, a idéia é que as garotas saem com homens estrangeiros, trocando sexo por passeios, bebidas, jantares e os jovens locais, que não

²¹ Entrevista realizada por Fernanda Leão, novembro de 2008.

²² Entrevista realizada em novembro de 2008.

se consideram homossexuais, fazem sexo mediado por benefícios econômicos com turistas “gays”. Nos termos da entrevistada espanhola: “Ellos... no son homosexuales o gays, pero terminan con hombres. Lo hacen mucho... algo reciben siempre”.

Há, porém, um acordo em afirmar que esses relacionamentos se afastam do “turismo sexual”, uma vez que não envolvem prostituição, prática estigmatizada entendida como pagamento direto por sexo. A realização de *programas*, considerada rara, é vinculada a encontros entre homens estrangeiros e mulheres de cidades próximas. Os homens locais que se relacionam com turistas estrangeiras em Canoa e em Jeri não são associados a ela. A prostituição envolvendo homens brasileiros, heterossexuais, e estrangeiras é relacionada com outros lugares, como Salvador, no estado da Bahia. Um homem nativo de Jeri, que recebeu com desgosto uma pergunta sobre seus relacionamentos com estrangeiras, sublinhou essa diferença:

Sim, eu saio com mulheres, com brasileira, com estrangeira. Tanto faz, desde que seja mulher, não tenha carço no pescoço... Aqui é diferente, não é como em Salvador. Eu já estive em Salvador... Ai veio um negão e me disse para acertar algo com a mulher que estava comigo. Que ele me dava 10%. E o contrário também acontece. Aqui não tem disso. Ninguém paga. Há prostituição, mas com mulher e nem sequer são as mulheres daqui.

Diário de campo, novembro de 2008

As narrativas remetem, porém, a diversos casos de estrangeiras, “que pagam coisas, se ferraram e perderam muito dinheiro se iludindo nesses relacionamentos e tentando ajudar as pessoas”. De acordo com uma guia de turismo que morou durante alguns anos em Jeri:

Elas pagam as comidas, as saídas, dão presentes, convidam a visitá-las nas casas delas. Eles gostam muito, principalmente da idéia de viajar... Não importa a idade, elas arranjam quem fique com elas. O dinheiro é um fator importante...²³

Essas relações que, nas leituras locais, não são vistas como prostituição, têm conotações de sexo transacional (Hunter, 2002). Esse termo foi utilizado por Kamala Kempadoo (2004), ao analisar os intercâmbios sexuais e econômicos nos quais se envolvem, no Caribe, jovens das classes trabalhadoras com homens e mulheres mais velhos/as. São trocas que não tem lugar em espaços destinados à prostituição e não apresentam uma negociação explícita de sexo por dinheiro, mas possibilitam a aquisição de roupas à moda, tratamentos para o cabelo, usufruir o status econômico de pessoas que ostentam carros caros, pagam viagens e presentes luxuosos. Não apenas o sexo, mas também os casamentos podem ser transacionais, quando possibilitam ou oferecem a ilusão de viabilizar a obtenção de benefícios econômicos e/ou de migrar para algum país rico (Brennan, 2004).

²³ Entrevista realizada em Fortaleza, em 2002.

Esse tipo de trocas é amplamente difundido em diversas partes do Brasil, principalmente envolvendo homens, geralmente mais velhos, e mulheres. Ele é freqüentemente traduzido na expressão “ajuda” e é considerado com certa naturalidade. Em lugares de “turismo sexual”, muitas vezes, as jovens locais trocam a “ajuda” que recebiam de pessoas “da terra” por aquela oferecida pelos estrangeiros (Piscitelli, 2007). Jeri e Canoa não são cenários de compra explícita de sexo por parte de mulheres mais velhas, como o Haiti retratado no filme *Vers le Sud*, nem as localidades analisadas em pesquisas sobre “turismo sexual” feminino no Caribe.²⁴ No entanto, a particularidade em relação aos outros lugares turísticos no Ceará é que, no âmbito da comercialização das relações sociais e a transnacionalização vinculadas ao turismo, o sexo transacional é corrente também nos relacionamentos entre homens locais e visitantes estrangeiras.

INTERAÇÕES

Em termos das escolhas sexuais realizadas pelas pessoas nativas, o turismo conduziu a uma diversificação e hibridização de padrões estéticos. Os critérios estéticos são julgamentos de beleza e gosto (Overing, 1996), indissociáveis de um processo de educação dos sentidos. Neles, as qualidades são incorporadas em sistemas de significado através dos quais se avaliam as propriedades das coisas (Morphy, 1996). Nesse sentido, esses critérios oferecem uma via privilegiada para apreender os valores que operam nesses cenários. Segundo as narrativas locais, os gostos masculinos tradicionais estão voltados para mulheres fortes, com coxas grossas. Mas, os homens desses lugares mostram também uma evidente fascinação por garotas, principalmente nórdicas, “lourinhas”, esguias, altas, de pernas compridas, cabelos e olhos claros, com a pele queimada pelo sol.

Nesse particular “lugar do desejo” (Manderson e Jolly, 1997), conformado no encontro desigual entre culturas, a estetização dessas louras não pode ser desvinculada do valor atribuído à “branquitude” das européias. Ela é expressão da posição privilegiada, em termos estruturais, dessas mulheres e que se materializa na possibilidade de deslocar-se através das fronteiras. Como afirma Caren Kaplan (1998), no marco do turismo, os lugares e as pessoas visitadas são mercantilizadas, mas os turistas também o são. Nesse sentido, a “branquitude” dessas mulheres é indissociável das possibilidades, reais ou imaginárias, que o poder econômico associado a elas oferece. Mesmo jovens,

²⁴ Nos estudos sobre a problemática realizados no Brasil, as dinâmicas de interação entre estrangeiras e homens nativos está começando a ser contemplada em locais de eco-turismo e também em locais de praia, considerando sobretudo os “caça-gringas” e a sexualização dos corpos masculinos negros, no Nordeste. De acordo com Tiago Cantalice, em Pipa, Rio Grande do Norte, os “caça-gringas”, investem na produção de corpos negros, malhados, para adequar-se aos padrões hegemônicos brasileiros mundialmente conhecidos. Vale observar que, em Jeri e Canoa o termo “caça-gringas” não faz parte do vocabulário local. Apenas em uma ocasião foi registrada outra expressão, neutra em termos de gênero, aludindo às relações com estrangeiros: “papadólar”. Ver: Leão, 2008; Cantalice, 2009 e Lorraine, 2009.

as européias são percebidas como “com dinheiro”. Nos termos do instrutor de *kitesurf*, musculoso, sorridente e com alguns *dreads* no cabelo, que já namorou várias estrangeiras:

[Elas têm dinheiro]. Com certeza. Porque... Só pra chegar até aqui... No mínimo você vai gastar já uma graninha legal. Só de passagem... Você vai gastar uns 10 mil reais... E aqui todo mundo fica 4, 5 meses. Quem chega aqui do estrangeiro... Vai ter que pagar casa, comida, tudo isso, calcula aí em 6 meses. Cada casa aqui você vai alugar por 1 mês, 500 reais, 600. A moeda deles é maior do que a nossa.

O valor concedido a essa “branquitude” parece incidir na condescendência com que os nativos olham para as jovens estrangeiras que estão fora de forma. De acordo com um instrutor de capoeira que olhava, com um sorriso suave, para algumas israelenses: “Elas acabam de sair do serviço militar [e agora] ficam gordinhas, não fazem exercícios.” As estrangeiras mais velhas que estão no “mercado da paquera”, porém, não são consideradas com análoga condescendência. Em mais de uma oportunidade presenciamos cenas e ouvimos histórias, que registramos nos diários de campo, nas quais elas são hostilizadas e até humilhadas, mediante linguagens gestuais ou orais sexualizadas.

No bar me apresentam uma italiana, que vem muito a Jeri. É uma mulher loira muito bronzeada, bem magra, que usa uma calça capri, um chinelo e uma blusinha que deixa um pouco de sua barriga de fora. Mais tarde vejo ela dançando com um homem [local]. Ele vai na frente e ela vai dançando atrás, com as mãos em seus ombros. Pelas costas dela, três garotos locais... se cutucam e riem da italiana e o do meio faz um gesto com as mãos com o dedo indicador e o do lado esticados, e o polegar dobrado, girando em movimentos circulares, apontando para a bunda da italiana, como se estivesse simulando uma penetração com os dedos nela.

Diário de campo de Fernanda, novembro de 2008

A administradora da pousada me conta algumas histórias da italiana, proprietária de uma pousada, que vou entrevistar. É uma senhora estrangeira. Logo que chegou teve um relacionamento com um nativo. Ela falava pouco português, não entendia. Ele sentava na mesa com os amigos e também com ela. E dizia na frente de todos: “Vou comer ela assim, e desta outra maneira.” E ela não entendia o que ele dizia e ria com todos.

Diário de campo, novembro de 2008

Nas apreciações das pessoas locais, o temperamento, como qualidade mais expressiva da pessoa, marca o corpo. Os traços corporais das mulheres são associados aos atributos que marcam seus estilos de feminilidade. As européias são tidas como portadoras de traços de temperamento “legais”, como a inexistência de ciúmes e o “respeito” aos parceiros. Mas, as brasileiras, apesar de serem consideradas possessivas, ciumentas e controladas pelas famílias, são particularmente estimadas. De acordo com o instrutor de windsurfe:

A melhor mulher é a brasileira... Tem um charme diferente da européia... Um pouco mais de postura... É uma forma assim de você olhar e realmente falar “porra, essa mulher é uma gata, linda”. Elas se preservam mais, se cuidam melhor... É o corpo e a maneira de se comportar.²⁵

Em Jeri, contudo, o ícone sexual/sensual feminino é um corpo de mulher que não é europeu nem brasileiro, mas latino-americano. Trata-se de uma mulher que apesar de ter nascido no exterior não é mais considerada “de fora”: é uma professora de dança “afro” e de capoeira, que reside faz 10 anos em Jeri, onde nasceu uma de suas duas crianças, filha de um nativo “da capoeira”, e compartilhou com a comunidade as penúrias do período sem água/sem energia. Seu estilo corporal é semelhante ao das nativas que atraem estrangeiros: pele morena, corpo miúdo, esguio e bem torneado. A principal diferença reside no cabelo liso, até a cintura, com chamativas mechas de cor vermelho. Sua extrema valorização mostra a hibridização dos gostos presente no lugar, mas também remete a novos códigos de gênero. Essa mulher sintetiza traços valorizados nas feminilidades nativas, como cuidado maternal e distância em relação à promiscuidade sexual, mas “modernizados” em uma versão “cosmopolita” de feminilidade. Embora separada, é considerada como “difícil”, em termos de acesso sexual, sustenta suas crianças com os baixos salários que se pagam em Jeri e é ativa nas ações comunitárias. Professora na escola local, “performer” nos espaços noturnos, viaja com certa frequência ao exterior para se aperfeiçoar. Os homens locais suspiram pelo “corpão” dessa mulher, destacando com admiração sua maternidade, como se esse fato o tornasse ainda mais atraente. E as referências à sua sensualidade estão sempre entremeadas com a valorização de seu comprometimento com as atividades comunitárias e seus deslocamentos.

Nesse âmbito de gostos diversificados, a escolha de estrangeiras de países “ricos” não pode ser desvinculada dos diversos tipos de benefícios e oportunidades que elas oferecem. Contudo, tais trocas são acessíveis para apenas alguns homens locais, sobretudo os que se dedicam aos esportes náuticos e à capoeira, que acabam tornando-se mais cosmopolistas. Essas atividades lhes concedem maior status, visibilidade e oportunidades, inclusive sexuais, que redundam em oportunidades econômicas e também na ocupação de um lugar privilegiado na hierarquização entre os homens locais. De acordo com uma paulista, proprietária de pousada, residente há 5 anos em Jeri:

Alguns nativos, como têm muita procura ficaram assim super arrogantes. Por exemplo, os meninos da capoeira, como eles atraem muita menina estrangeira... São os mais sarados e tal, chamam atenção, chove na horta deles. Então é lógico que eles ficam seletivos. Por que eu vou namorar uma velha, gorda, feia se eu posso ter a gatinha? Os do windsurfe [também]. É porque eles têm um certo destaque. Um cara que faz capoeira todo dia na roda e está sendo visto, fotografado, está muito mais em destaque do que um que trabalha na

²⁵ Entrevista realizada por Fernanda Leão. Jericoacoara, novembro de 2008.

construção... Eles aparecem muito mais, têm muito mais vida social, estão muito mais nas noites... estão se associando, até às vezes com estrangeiros que têm mais capital pra montar uma escola.²⁶

Na praia se destacam os corpos dos surfistas, muitos deles instrutores de windsurfe, ou de *kitesurf*. Eles usam cabelos curtos ou mais compridos, com *dreads*, são de pele escura e mais baixos que os estrangeiros dedicados aos esportes náuticos. Chamam a atenção pela combinação entre a musculatura desenvolvida, a postura ereta, os movimentos seguros e desenvoltos e as bermudas coloridas utilizadas para esse esporte. Esse é um dos estilos corporais que atraem estrangeiras de diferentes faixas etárias. Uma italiana, proprietária de pousada, hoje com 60 anos, que namorou durante muitos anos um homem nativo, quinze anos mais novo, descreve como o via no início do romance: “Ele era lindo. Fazia windsurfe. Vê-lo sair do mar era uma coisa. Essa musculatura toda! Eu arrepiava, eu fiquei louca!”. Descrevendo o praticante desse esporte pelo qual está “apaixonadíssima”, uma garota italiana de 21 anos, que reside na Sardenha, onde toma conta do empreendimento turístico dos pais, comenta:

Ele é belíssimo... Fisicamente são todos belos, muito esportivos, estão muito em forma. De rosto, não são tão bonitos... se cuidam pouco. Às vezes, [eles] têm problemas de dentes e deixam assim mesmo, talvez por causa do dinheiro.

Na apreciação das estrangeiras, outro estilo corporal marcante é o dos capoeiristas. Entre eles há homens de cabeça raspada, outros de cabelo curto ou *dreads*, mas os estilos corporais são semelhantes: peles morenas, corpos magros e musculosos. Quando giram e rodopiam, mostram os músculos bem torneados e exercem uma fascinação na platéia, particularmente nas turistas.

A roda de capoeira e a subida à duna para ver o por do sol são os acontecimentos que marcam o final do dia em Jeri. A capoeira, que não existia nesse lugar, foi introduzida no início da década de 1990 por um capoeirista de Fortaleza, no marco do processo de difusão nacional e internacional dessa arte. Apesar das resistências locais, ganhou rapidamente adeptos entre os jovens. Lembrando seus inícios na capoeira, um nativo comenta: “A minha mãe mesmo não queria, brigava muito, dizia que era coisa para vagabundo, ficar com a bunda para cima. Teve aquela briga para sair, eu tive que fugir de casa para ir na capoeira”. Mas, em 2008, a capoeira era considerada “tradição” e se tornou uma fonte de renda para os melhores capoeiristas que cobravam até R\$20,00 por hora aula dos turistas. De acordo com esse nativo:

É muito forte a capoeira aqui, é uma das coisas mais fortes que têm. Já é uma tradição. Mas, não começou por causa do turista, a capoeira aqui. Depois virou uma renda, sabe? Transformou-se, tipo assim, mais organizado, também. Cresceu muito também, já tem mais pessoas que buscam a capoeira, que querem fazer...²⁷

²⁶ Entrevista realizada por Fernanda Leão, Jericoacoara, novembro de 2008

²⁷ Entrevista realizada em novembro de 2008.

As aulas têm lugar em diferentes momentos do dia. Quando o professor gira o corpo moreno, seus músculos se destacam. Os traços de seu rosto são os de um “caboclo”. Na aula, a cabeça “achatada”, os dentes da frente que estão faltando, as espinhas e a barba mal feita são apagados pela força e beleza dos movimentos. O professor mostra o movimento completo. Depois ele o divide em partes, como se fosse uma seqüência de fotografias. Ele se exhibe, observa os alunos e os controla, cheio de autoridade. O grupo de alunos tenta copiar seus movimentos. A aula se desenvolve em um lugar com escassas tradições africanas, mas ele parece a corporificação de uma brasilidade “afro”. A afirmação desse estilo de corporalidade concede ao professor uma gritante superioridade no grupo. Nesse espaço, ela se impõe, disciplinando a corporalidade estrangeira.

As residentes estrangeiras atribuem o encantamento das turistas com os homens nativos à erotização dos “corpos negros”, embora elas mesmas afirmem que em Jeri dificilmente há negros, mesmo entre os capoeiristas. Nos termos de uma italiana, proprietária de uma pousada:

As turistas... chegavam muito aqui pra ficar com as personas que praticam capoeira... Agora é com outro esporte, mas no início muito pela capoeira. Porque para elas a capoeira era apresentação, sei lá, um atrativo sexual também, com esses corpos negros que lutam, estão na roda, [elas] ficam fantasiando.

Alguns trabalhos discutem as relações entre capoeira e erotismo, vinculadas à idéia, presente no Brasil, de que as habilidades nessa arte expressam as qualidades de virilidade que tornam os jogadores bons amantes (Lewis, 2000). Entre as estrangeiras, em Jeri²⁸, esse erotismo é vinculado à negritude não necessariamente visível nos corpos dos praticantes, mas associada às raízes africanas dessa arte. Segundo uma jovem espanhola, assídua freqüentadora das aulas, cuja imagem da versão masculina da brasilidade é a figura do homem baiano, mas está casada com um capoeirista local que considera, assim como a outros homens da região, “cabezón” e “moreno”, mas não negro:

Mi imagen de brasileño es más bahiana... Más moreno de piel, más grande, más sonriente. Lo encuentro muy guasón. También es el que te venden mucho desde afuera... [La capoeira] me parece súper bonita. A nivel de... también por toda la historia que lleva, sabes, de los esclavos y todo eso. Es como toda la historia ahí... También aprendí mucho... de la capoeira cuando viajé a Angola.

Embora esses caopeiristas não sejam “pretos” de acordo com as classificações locais, nem afro-descendentes, eles são portadores de estilos de corporalidade que, na

²⁸ A atração exercida pela capoeira nas estrangeiras não se restringe, claro, a Jericoacoara. Segundo uma turista holandesa de 34 anos, com uma semana de permanência no lugar, relatando suas impressões sobre Lençóis, na Bahia, de onde estava chegando: “Alguns caras estavam realmente centrados nas estrangeiras... E é mais fácil impressionar mulheres que homens... com a capoeira... Os caras não estão tão interessados em ver os movimentos de outro homem dançando, se interessam mais no que as mulheres fazem”. Entrevista realizada por Fernanda Leão, Jericoacoara, 2008.

percepção das estrangeiras, remetem a idéias sexualizadas e racializadas sobre a “masculinidade brasileira”. A difusão dessas noções faz parte de um processo conformado por fluxos de idéias nos quais “interagem” e se misturam planos transnacionais, nacionais, regionais e locais. Nele, a imagem sexualizada que supostamente sintetiza a brasilidade foi produzida tomando como referência cidades e regiões consideradas como lugares racialmente marcados, com elevados índices de negros e mulatos (historicamente Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro). Esse não é o caso do Ceará, distante de ser marcado, como outros estados brasileiros, por uma sensualidade exacerbada e estetizada.

Os autores contemporâneos destacam que o paradigma nos escritos históricos e literários sobre o Ceará não é a mistura de três “raças”, mas de apenas duas, os colonizadores portugueses e a população aborígine, sintetizada em Iracema, o romance de José de Alencar (Pordeus, 2006). Os ícones identitários, o vaqueiro, o jangadeiro, o retirante e a rendeira, a mais disseminada das imagens femininas, estão marcados por gênero, mas estão distantes da sexualização e o estilo de racialização que caracterizam a mulata e o malandro. Esses ícones remetem a “caboclos”, mistura de brancos e indígenas, tidos como pessoas baixas, com a pele marcada e escurecida por um sol implacável que, longe de serem estetizados, aparecem como corporificação da força das pessoas do sertão e das duras condições da terra e o clima.

No Ceará, no âmbito da mercantilização que permeia o turismo internacional, as garotas nativas que se envolvem em trocas sexuais e econômicas com estrangeiros apagam os traços identitários regionais, corporificando os atributos, supostamente nacionais, procurados pelos estrangeiros. Assim, “morenas caboclas” fazem performances de mulatas brasileiras (Piscitelli, 2007). Em Jeri, os homens nativos realizam traduções culturais análogas mediante performances da brasilidade “afro”, propiciada pela participação na capoeira. A singularidade da força adquirida pela relação entre virilidade, erotismo e raízes africanas reside em que, nesse lugar de encontros transnacionais, os capoeiristas são valorizados, obtêm renda, prestígio e poder, mediante a corporificação de uma versão masculina da brasilidade, sexualizada e racializada através de traços que não fazem parte das tradições da comunidade e da região. A virilidade exaltada por esse estilo de racialização lhes confere um particular valor de mercado.

As possibilidades abertas por essas atuações são perceptíveis no depoimento de uma italiana, proprietária de pousada, que manteve três relacionamentos duradouros em Jericoacoara, com homens entre 15 e 20 anos mais jovens que ela:

Eu gosto mais de pessoa preta. Então eu sou muito ligada a um certo tipo de ideal de beleza que não corresponde muito com um ideal cearense... Sou mais atirada das culturas negras. Tanto é que eu queria morar em Salvador... Meu segundo relacionamento, aqui, foi com uma persona que dava aula de capoeira aqui, que é o pai da minha filha... Um dia encontrou uma gringa holandesa que pagou passagem pra ele ir pra Europa. [Ele] chegou aqui, minha filha tinha 1 ano e meio e

falou: “ah, eu to indo para Holanda porque essa mulher pagou passagem para mim...”

ENTRE O “PARAÍSO” E O “INFERNO”

O homem do nordeste tem pouca vontade de trabalhar, de crescer, né? Ai você vê muita exploração da gringa, sabe? Eu já conheço a malandragem daqui todinha, sabe? Então “a gringa”, eles vêm futuro, está entendendo?... Se acomodam. Isso um pouco em geral, com todos os homens daqui... Tem gringa que leva para cá, leva para lá, eles querem muito sair, está entendendo?²⁹

Nem todas as turistas estrangeiras que circulam por esses lugares prestam atenção aos homens locais. Algumas, interessadas nos esportes náuticos, não falam português, não procuram contatos com a população local nem se sentem atraídas por brasileiros. Nos termos de uma professora de escola suíça de 34 anos, praticante de *kitesurf*: “I’m not really attracted to Brazilian men. It’s easy to get one. They are so available. So it doesn’t interest me.” Elas integram-se em grupos de estrangeiros que utilizam os locais como cenários para seus próprios encontros. Outras têm interesse no contato com as pessoas locais, em conhecer outras culturas e nas descobertas interiores propiciadas pela viagem, mas os estilos de masculinidade atribuídos aos brasileiros, considerados “machistas” e corporalmente invasivos, longe de resultar atraentes, tornam-se um desconforto a ser driblado na viagem.

Outras viajantes, porém, de diferentes nacionalidades e faixas etárias, fascinadas pela beleza da natureza no local, pelo estilo de vida “simples” atribuído à comunidade e pela virilidade associada aos homens locais, estabelecem com eles relacionamentos duradouros. Elas se envolvem em apaixonados romances que aparecem como parte de uma tentativa de absorção do lugar, em um processo que estende às pessoas locais as qualidades associadas ao local. A combinação entre essas atrações conduziram-nas a retornar ano após ano e/ou a fixar residência nesses locais turísticos.

Nos relatos, os aspectos dos lugares que resultam atraentes se reiteram em narrativas de mulheres que estão na faixa dos 20, 30, 50, 60 anos, entre as que passaram alguns meses ou vários anos, até 15, nesses locais. Em leituras romantizadas da paisagem e da comunidade, esses aspectos remetem à beleza das dunas, das cores, à força do vento, a amplitude do espaço, o contato com a natureza e, particularmente para as que chegaram anos atrás, ao ar “primitivo” de lugares sem água e energia e de uma vida comunitária na qual consideravam que havia um autêntico interesse e contato com o outro e tempo para compartilhar com os demais. Nos termos de uma italiana, proprietária de pousada, que reside em Jeri faz 15 anos:

[Senti] um encantamento com o lugar porque não tinha energia elétrica... Morava aqui muita pouca gente e era um lugar bem nativo. Pessoa estrangeira que

²⁹ Entrevista realizada com uma italiana de 38 anos, casada com um homem nativo 12 anos mais jovem, residente em Jeri.

moravam aqui eram quatro, cinco pessoas somente. Eu queria morar num lugar mais primitivo... Morar em uma comunidade pequena, poder ajudar a comunidade... e viver de uma maneira mais simples, menos complicada

A simplicidade, associada ao “primitivismo” é, aliás, um aspecto recorrente nas narrativas. Ela se expressa nas qualidades atribuídas, no início dos relacionamentos, aos parceiros brasileiros: alegria, sensibilidade, gentileza, nobreza e falta de malícia. Essa simplicidade também é relacionada a um estilo de virilidade “exótico”, marcado pelo caráter sensual e a intensidade sexual. De acordo com uma garota italiana de 21 anos, apaixonada por um nativo que pratica windsurfe, com quem namora há um ano:

Aqui, por exemplo, se sentem os cheiros, que na Itália, não sente mais. Os homens na Itália não têm cheiro. Um abraço é outra coisa. É a simplicidade.

Segundo uma espanhola, recém casada com um homem local, professor de capoeira:

Los brasileños son mucho más sexuales. .. Muy físicos. Muy de tocar y el sexo es mucho más seguido, mucho más frecuente. Quizás también por el tipo de vida que pueden llevar... son mucho más optimistas... Yo sé que en España la gente se agobia de una manera exagerada por cosas enanas que dices: ‘pero bueno ¿cómo es que estoy tan estresado?’. Luego, todo ese estrés, a nivel sexual, se demuestra en la relación. [Los brasileños] Tienen una vida súper activa sexualmente. Yo digo: ‘¿Soy frígida o algo? ¡Yo no puedo tantas veces al día!’...

Essa disposição, porém, não significa que as práticas sexuais sejam necessariamente satisfatórias. O “machismo”, ao qual quase todas as entrevistadas alude, integrado no quadro dessa simplicidade, também é associado ao “egoísmo”, em termos sexuais. De acordo com uma das entrevistadas espanholas:

Hay un porcentaje que es egoísta en el sexo. Más machistas. Un juego, un ‘tic-tic-ti’ y ya está. Más servidos a su propio beneficio. Son muy aduladores de palabra, pero luego a un nivel físico, quizás, a nivel del acto sexual son más egoístas.

Nos termos de uma francesa que manteve um longo relacionamento com um homem local: “Eu fui estúpida. Não tinha nada para me apaixonar. Tinha algo físico, macho... mas também não muito carinhoso”. Entretanto, o “machismo”, transpirando cheiro a virilidade, faz parte do atrativo que os homens locais exercem nelas.

Nessas narrativas, que parecem remeter à tradicional vinculação entre o feminino e o romance, os deslocamentos e processos migratórios são impulsionados por amor. Contudo, a erotização desses relacionamentos está indissociavelmente vinculada a versões transgressivas de *agency* feminina. Eles representam a liberdade de decidir trocar estilos de vida estáveis, em espaços percebidos como regrados, organizados, previsíveis, aborrecidos e estressantes na Europa, pelas aventuras oferecidas pelo contato íntimo com a natureza e por um estilo de vida primitivo no seio de uma cultura tida como “aberta” e “do dia a dia”. A idéia de escolha se materializa na opção por relacionamentos que interrompem normas homogâmicas e homo/étnicas, com

homens socialmente situados em posições inferiores, sexualizados e racializados e, em ocasiões, consideravelmente mais jovens. Essa erotização envolve também certa percepção do risco oferecido por relações com homens percebidos como intensamente viris, mas distantes dos padrões igualitários, em termos de gênero, aos quais as entrevistadas afirmam estar acostumadas.

Nas narrativas transparecem percepções da situação privilegiada a elas atribuída nesses lugares, quando relatam a sensação de serem “caçadas”, por serem estrangeiras, “louras” e, portanto, supostamente endinheiradas. Segundo outra jovem espanhola, de 24 anos, de Barcelona, proprietária de um bar, que reside faz 6 meses em Jeri e tem um namorado local:

Porque el brasileño gusta mucho de la extranjera. Y como sea rubia y con ojos azules ya está. Yo de verdad que la pasé aquí cuando llegué, cada dos metros estaban diciéndome algo... Por ser extranjera piensan que tienes y a lo mejor tienes menos que él.

Nos relatos, contudo, elas tendem a minimizar seus privilégios. Um dos procedimentos utilizados é traduzir as desigualdades como “diferenças culturais”. Nos termos de uma italiana, relatando o relacionamento com um homem nativo: “A diferença era grande, grande, porque é uma pessoa daqui, né? Mal sabe ler, mal sabe escrever, né? Nasceu num lugar assim bem pobre”. Outro desses procedimentos é considerar o investimento de recursos materiais e simbólicos na promoção dos parceiros ou nos negócios do casal como “ajuda”. Essa noção envolve o pagamento das viagens dos namorados a Europa para que as visitem e conheçam suas famílias; a organização de suas tournées no exterior, procurando patrocinadores; hospedá-los, vesti-los, alimentá-los e lutar para obter para eles vistos de residência e trabalho. Quando elas se instalam em Jeri, a idéia de “ajuda” envolve a compra de propriedades, de bens como buggies ou motocicletas e a montagem de empreendimentos turísticos. De acordo com uma italiana de 60 anos elegante, sofisticada e muito articulada, proprietária de pousada, lembrando seu tumultuado e sofrido relacionamento com um artista local:

Eu ralei na Itália para poder comprar aqui. Era 92. Comprei o primeiro pedaço de terra. Em 93, o segundo. Em 94, comecei a estrutura da casa. Na Itália morava em um apartamento pequeno, de 30 metros, do município. Economizava o máximo para juntar dinheiro para investir em Jeri. Quando conheci ele, eu estava com 44 anos. Ele era 11 anos mais novo. Ajudei ele muito. Vendi os quadros dele na Itália. Por três vezes abri um barzinho para ele. Ele muito envolvido com drogas fazia dívidas. O meu, era um amor “angélico”, aquele de ficar dando sem esperar nada de volta.

Nas narrativas das mulheres mais jovens, as desigualdades nos posicionamentos sociais em relação aos parceiros e os intercâmbios econômicos são apagados pela idéia de um intenso amor que aparece como capaz de converter assimetrias em complementaridade. Esses relatos de namoros duradouros e de casamentos recentes

aproximam à idéia de aliança, no sentido em que eles introduzem cada integrante do casal na rede de parentesco e relacionamentos do outro integrante. As histórias dessas jovens apaixonadas remetem a relacionamentos nos quais a combinação entre seus privilégios estruturais, o fato de que elas ainda mantêm fortes laços sociais no exterior e se deslocam com facilidade e ainda estabelecem laços com as redes de parentesco e de relacionamento locais possibilitam que elas enfrentem os aspectos que percebem como desagradáveis do “machismo”. Essas mulheres consideram ter tido sucesso na tentativa de estabelecer relações igualitárias com os parceiros brasileiros, no âmbito doméstico, re-educando homens acostumados pelas mães e irmãs a serem servidos e também no âmbito laboral, fazendo que eles compartilhem diferentes aspectos do trabalho realizado no lugar. Nos termos de uma espanhola de 24 anos:

Se han acostumbrado a que la mujer le haga todo. Aparte de que ella trabaje, ella lava la ropa, le cocina, le sirve el plato en la mesa, le quita el plato de la mesa ¿entiendes? Se acostumbran así en casa porque tienen hermanas y las hermanas con 8, 9 años ya están limpiando en casa, pero los chicos no. Y yo, con él me pasaba un poco, porque tenía la manía de la hermana y la madre, siempre era todo: ‘quiero ah’, ‘ahí lo tienes’, ‘quiero uh’. Yo dije basta. Si no te vas con tu madre y con tu hermana, pero conmigo no. Porque a mí también me gusta que me sirvan el plato en la mesa, o sea por igual. Eso está solucionado, pero son muy machistas. Pero ellos no lo ven como machismo tampoco. Es que es la vida de aquí. Todavía están un poco en otra época.

As narrativas das entrevistadas mais velhas delineiam um quadro diferente, dramático, no qual o intercâmbio econômico envolvido nos relacionamentos que tiveram com os homens locais é evidente para elas. Diferentemente dos relatos das entrevistadas mais jovens, nestes, as mulheres não se integraram nas redes de parentesco e sociabilidade dos parceiros locais, ao contrário, em alguns casos foram deliberadamente distanciadas delas. Nem sequer o nascimento dos filhos que tiveram com os parceiros nativos parece ter a potencialidade de “criar” parentesco, no sentido de estabelecer relações entre consangüíneos e afins. Os relatos dessas mulheres, que namoraram ou casaram com homens entre 10 a 15 anos mais novos, aludem à exploração econômica e a experiências de violência, física ou simbólica.

Essas narrativas remetem a um processo no qual os estilos de masculinidade dos homens locais, sexualizados e racializados, operam como bem erótico no qual se concentram os desejos dessas mulheres. Eles se deslocam, porém, do lugar de serem “consumidos” para o da dominação e a exploração econômica. Nesse movimento, elas são posicionadas em situações de extrema desigualdade, apesar de seus privilégios estruturais. Nesses relatos, após terem se instalado em Jeri, elas descobriram que os parceiros lucraram, enganando-as, no processo de compra de terrenos e buggies, construção de casas e pousadas. Além disso, enfrentaram sozinhas a carga de trabalho dos empreendimentos turísticos, sustentando os parceiros brasileiros, seu consumo de álcool e, às vezes, de drogas e, algumas, também os filhos que tiveram com eles.

Elas relacionam a exploração econômica da qual foram objeto ao processo mais amplo de mercantilização das relações sociais na comunidade, que afetaria, de modo geral, aos estrangeiros e, principalmente às mulheres estrangeiras que deixam de ser turistas. No relato de uma italiana de 54 anos, miúda, loura, de olhos verdes, corpo bem torneado e estilo juvenil, também proprietária de pousada, que teve dois filhos em Jeri:

Não sabia falar português, fiquei logo grávida e num lugar como em Jericoacoara complicado pra qualquer coisa, com estas personas meio machistas que tentavam de qualquer maneira me isolar do resto da comunidade. Passei bastante tempo quase praticamente sem ter muitos contatos com as outras personas. Ele sempre se punha no meio querendo assim ser o único meu trâmite a respeito ao exterior. Então criou toda uma situação de isolamento... [Ele] chegava em casa, quebrava tudo. Uma vez me fechou dentro do quarto, pegou todas as chaves dos quartos e jogou fora. Destruiu tudo. Uma outra vez chegou querendo me bater... Ele virou uma coisa muito violenta. Um amigo de infância da Itália chegou pra cá, ele ficou assustado com o que viu. Daí ele ligou pro meu pai e minha mãe quando voltou pra Itália e falou que praticamente eu estava aqui refém daquela pessoa. Eu não podia fazer nada, o cara estava destruindo todo o meu dinheiro em drogas. Daí meu pai e minha mãe chegaram aqui, ficaram aqui 6 meses. Até conseguir ele sair daqui. Daí eu tive que chamar polícia, fazer um papel que ele não podia mais entrar. Foi uma coisa muito violenta.

Nesse processo, códigos de gênero assimétricos parecem englobá-las com uma crueldade associada ao fato delas serem “gringas”, “ricas”, mas sem inserção nas redes sociais locais. Algumas atribuem essa crueldade também à disparidade de idade com os namorados/maridos. Uma francesa de 49 anos, instrutora de esqui na Europa e velejadora, que namorou um homem local 10 anos mais novo, lamentando o dinheiro e a dignidade perdidos nos anos que passou em Jericoacoara, exemplifica essa percepção:

Comprei a casa [em Jericoacoara] muito rápido, conheci ele, e queria lhe ajudar. Ele era gentil, mas mentia muito, havia muitas coisas que eu não sabia, que foi drogado. Como ele não tinha muito trabalho, pensei que podia ajudá-lo. Comprei um buggy para ele, mas disse que não era presente. Tem que trabalhar para pagar esse buggy com o seu trabalho... Jamais tinha dinheiro para a gasolina, para consertar, eu que paguei. Ele trabalhava dois dias na semana e não tinha dinheiro, gastava tudo em droga, ele roubava minha casa, meu dinheiro... Perdeu o buggy, foi atrás de mim, queria que comprasse uma moto... Como se eu na França colhesse o dinheiro em árvores. Depois de 2 meses, me disse que era drogado, e que queria fazer uma cura, se eu podia ajudar. E o ajudei... Agora estou triste por tudo o que aconteceu... Porque fui estúpida, perdi dinheiro, tempo, sinto vergonha. Na França não podia acontecer isso comigo. Porque só vou com pessoas como eu socialmente. Jamais com pessoas que não trabalham... Aqui o lugar mudou [de modo] radical, com o turismo. Eles [os nativos] dizem: tem que pagar... Como sou uma gringa, todo mundo acha que tenho que pagar. Se vou consertar uma coisa, tenho que pagar três vezes mais. Sou uma gringa!... Cada dia acontece.

E não faz diferença que tenha muito tempo aqui, gringa, gringa! Eles pensam em sua cabeça estúpida... Esta é uma gringa rica. E só fazem o negócio para o momento, não para o futuro... É muito horrível... Jericoacoara era o paraíso, agora é um inferno. Quando as pessoas só te procuram para te fazer pagar... e se você não vai pagar você é uma merda. Eu me perguntava se ele me amava, se ele queria aproveitar de mim. Como estou mais velha, eu não sei, ele podia pensar na sua cabeça que por isso não me amava.³⁰

O peso da idade nessas interações não é fácil de avaliar. A juventude feminina é valorizada nas relações entre nativos/as, mas as narrativas locais também remetem a diversos relacionamentos nos quais as mulheres são mais velhas e, no entanto, não são objeto de hostilidade por parte da comunidade, nem de violência por parte dos parceiros. No âmbito das alterações nos códigos de gênero que têm lugar na particular imbricação entre “local” e “global” que permeia os relacionamentos entre nativos e estrangeiras, porém, as mulheres mais velhas aparecem como particular alvo de hostilidade. Nesse processo, que não pode ser pensando como mera reiteração de códigos locais de masculinidade, o valor positivo concedido à “branquitude”, como expressão de liberdade de deslocamentos e de poder econômico associados às nacionalidades dos países do Norte, é neutralizado. E a combinação entre a precariedade dos laços sociais no lugar, que se expressa na fragilidade que essas mulheres sentem por estarem sós, e a erotização desses relacionamentos contribui para aprisioná-las durante anos nessa dinâmica. Nos termos dessa francesa: “Ele me enganou... me roubou... [mas] eu ainda gostava dele, estava apaixonada”.

INTERCÂMBIOS FLUIDOS?

Revisitar as discussões sobre “turismo sexual feminino” considerando as experiências das mulheres entrevistadas conduz a questionar a insistência em delinear tipologias de viagens sexuais. Essas narrativas permitem perceber que prestar séria atenção ao contexto no qual esses encontros sexuais têm lugar, aos diferentes momentos dos relacionamentos e do processo de inserção das estrangeiras nos lugares turísticos é mais fértil, em termos analíticos, que as tentativas de classificar esses encontros.

Nestes cenários, os relatos dessas mulheres embaralham as tipologias existentes. Elas combinam aspectos supostamente característicos do “turismo sexual feminino”, como fantasias sexualizadas e racializadas dos homens nativos, com outros tidos como marcantes do “turismo romance”, como a forte ênfase no amor paixão e a percepção desses relacionamentos como aspecto crucial da imersão em “outra” cultura. E, se todos os relatos dessas estrangeiras remetem ao ensaio de repertórios pouco tradicionais de gênero, em termos de seus estilos de viajar, da opção por namorar ou casar interrompendo normas sociais homogâmicas e homocromáticas ou “homoétnicas” e também do tipo de migração, os supostos intercâmbios fluidos nos quais as mulheres fazem uso de seus privilégios estruturais para negociar desejo e controle no âmbito da intimidade, se vêem severamente limitados

³⁰ Entrevista realizada por Fernanda Leão, Jericoacoara, novembro de 2008.

Nesses lugares turísticos, nos quais se forjam novos critérios estéticos relativos à corporalidade, novas subjetividades eróticas e novos estilos de “intimidades transnacionais”, essa fluidez se desvanece quando as mulheres deixam de ser turistas para tornarem-se residentes. Nesse processo, as visões do “paraíso” dão lugar a percepções do “inferno”, com particular crueldade quando se trata das estrangeiras mais velhas, em uma dinâmica na qual reconfigurações dos estilos de masculinidade locais desestabilizam os privilégios dessas viajantes. Nesse momento, as ambivalências que conduzem as entrevistadas a conceder aos intercâmbios econômicos presentes nesses relacionamentos a conotação de “ajuda” desaparecem: eles passam a ser vistos como exploração.

Isto não significa, porém, que as desigualdades de gênero sejam sempre e necessariamente englobantes. As vantagens estruturais que possibilitam que essas mulheres viajem e contribuem para torná-las atraentes nesses lugares são preponderantes em uma fase dos relacionamentos. No que se refere às estrangeiras mais velhas, nas fases seguintes, o persistente jogo de negociação é desequilibrado. Nos relatos, nesses momentos, essas vantagens são neutralizadas e essas mulheres aparecem como dominadas pelos parceiros. No entanto, essa dominação é temporária. No embate entre os privilégios conferidos por classe social, “cor” e nacionalidade a essas estrangeiras e o lugar ocupado pelos parceiros, valorizados na intimidade mediante uma intensa erotização à qual se adiciona o poder que lhes confere serem homens “da terra” em lugares onde elas têm escassas redes sociais, elas saem desses relacionamentos “roubadas”, humilhadas e magoadas. Essas mulheres continuam, porém, posicionadas como brancas/européias e, na maioria das vezes, são as proprietárias dos empreendimentos turísticos. Algumas, desistem da idéia de permanecer residindo no lugar, mas outras permanecem, procurando uma melhor inserção nas redes sociais no lugar. E, desde essa posição, elas estabelecem novos relacionamentos com outros homens locais.

BIBLIOGRAFIA

BRENNAN, Denise: *What's Love Got to do with it? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*, Durham, Duke University Press, 2004.

CABEZAS, Amália (2009): *Economies of Desire. Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia. Temple University Press.

CANTALICE, Tiago: *“Dando um banho de carinho!”: Os çaça gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa-RN)*. Dissertação de mestrado

defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

COHEN, E. Arab Boys and Tourist Girls in a Mixed Jewish Arab Community. *International Journal of Comparative Sociology*, 12 (4), 1971, pp. 217-233.

DANTAS, Shirley Carvalho: Turismo, produção e apropriação do Espaço e percepção ambiental: O caso de Canoa Quebrada. Dissertação de mestrado apresentada no mestrado em desenvolvimento e meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, 2003.

FONTELES, Jose Osmar: Comunidade de pescadores de Jericoacoara – Ceará entre na rota turística. In: Fabio Perdigão Vasconcelos: Turismo e Meio ambiente, Fortaleza, Editora Funece, v. 3, 1998. pp. 60-76.

FOSADO, Gisela (2004): *The exchange of sex for money in contemporary Cuba: masculinity, ambiguity and love*. PhD Dissertation, Anthropology, The University of Michigan.

FROHLICK, Susan: Fluid Exchanges: The Negotiation of Intimacy between Tourist Women and Local Men in a Transnational Town in Caribbean Costa Rica. *City and Society*, Vol 19, Issue 1, pp. 139-168, 2007.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secretaria de Turismo: *Conjuntura do Turismo no Ceará: Janeiro a Dezembro de 2009, Balanço do turismo, janeiro de 2010*, in: http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/copy4_of_estudos-e-pesquisas/document_view, consultado em 6/03/2010.

HEROLD, Edward, GARCIA, Rafael and DEMOYA, Tony: Female tourists and Beach Boys. Romance or Sex Tourism? *Annals of Tourism Research*, vol, 28, n. 4, 1971, pp. 978-997.

HUNTER, Mark: The Materiality of Everyday Sex: thinking beyond “prostitution”. *African Studies* 61, 1, 2002.

JEFFREYS, Sheila: Sex tourism: do women do it too?. *Leisure Studies*, 22, 2003, pp. 223-238.

KAPLAN, Caren: *Questions of Travel*. Duke University Press, 1998.

KEMPADOO, Kamala: *Sexing the Caribbean, gender, race and sexual labor*, New York, Routledge, 2004.

KEMPADOO, Kamala: *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*, Rowam and Littlefield, 1999.

LEWIS, Lowell: Sex and violence in Brazil: carnaval, capoeira and the problem of everyday life. *American Ethnologist* 26, 3, pp 539-557, 2000.

LEÃO, Fernanda: “Estrangeiras no Brasil: gênero no marco do turismo internacional” Relatório Final de projeto de iniciação científica (processo Fapesp 06/51964-6), vinculado ao projeto temático Gênero, corporalidades, 2008.

LORRAINE, Erica: Tourists Seeking Culture and Erotic Adventures in the “Sexscape” of Salvador, texto apresentado no LASA 2009 Congress: RETHINKING INEQUALITIES Jun

13, 2009 Rio de Janeiro, Brazil, Session: Ethnographies of 'The Global': Racing and Sexing the Transnational.

MANDERSON, Leonore and JOLLY, Margaret. 1997. "Sites of Desire/Economies of Pleasure in Asia and the Pacific", in: MANDERSON, Leonore and JOLLY, Margaret: *Sites of Desire, Economies of Pleasure. Sexualities in Asia and the Pacific*, Chicago: The University of Chicago Press, p. 1-27.

MOLINA, Fábio Silveira: Turismo e produção do Espaço- O caso de Jericoacoara, Ceará. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, FFLCH, USP, 2007.

MULLINGS, Beverley: "Globalization, tourism, and the International Sex Trade", in: KEMPADOO, Kamala, ed: *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*, Maryland, Rowman and Littlefield, 1999, pp 55-81.

MORPHY, Howard: "For the motion", 1993 Debate: Aesthetics is a cross-cultural category, in INGOLD, Tim: *Key Debates in Anthropology*. Londres, Routledge, 1996,

NAGEL, Joane: States of Arousal/Fantasy Islands: Race, Sex and Romance in the Global Economy of Desire, *American Studies*, 41: 2/3, 2000, pp. 159, 181.

O'CONNELL DAVIDSON, Julia and SANCHEZ TAYLOR, Jacqueline: "Fantasy Islands. Exploring the Demand for sex Tourism", in: KEMPADOO, Kamala: *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*, Maryland, Rowman and Littlefield, 1999, pp. 37-55.

OPPERMANN, Martin: "Sex Tourism", *Annals of Tourism Research*, vol. 26, n° 2, 1999, p. 251-252.

OVERING, Joana: "Against the motion", 1993 Debate: Aesthetics is a cross-cultural category, in INGOLD, Tim: *Key Debates in Anthropology*. Londres, Routledge, 1996.

PEDRO, Joaquim Canuto: A história de Jericoacoara em versos de embolada. Fortaleza, Tupyniquim Editora, 2006.

PISCITELLI Adriana: Shifting Boundaries: Sex and Money in the Northeast of Brazil, *Sexualities*, Vol 10-4, pp. 489-500, 2007.

PISCITELLI, Adriana: PISCITELLI, Adriana (2004): "On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism". *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ano 1, n. 1, 2004, in: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/vibrant/article/viewArticle/241>

PRUITT, Deborah, LaFONT, Suzanne: "For love and money. Romance Tourism in Jamaica", *Annals of Tourism Research*, vol. 22, n° 2, 1995, pp. 422-440;

PORDEUS Jr, Ismael de Andrade: *Cearensidade*, in: <http://enecom.oktiva.net/sispub/anexo/1071>, consultado em 17/04/2006

REBHUN, L.A.: Sexuality, Color and Stigma among Northeast Brazilian Women. *Medical Anthropology Quarterly*, Vol. 18, Issue 2. Pp. 183-199, 2004.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo: Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos PAGU* (26), Unicamp, Campinas, pp. 145-168, 2006.

ROBBEN, Antonius: Tourism and Change in a Brazilian Fishing Village, *Cultural Survival*, 6-3, 1982, in: www.culturalsurvival.org, consultado em 10/01/2009.

SANCHEZ Taylor: Jacqueline: Female sex tourism: a contradiction in terms? *Feminist Review*, 83, 2006, pp. 42-59.

SANCHEZ Taylor: Jacqueline: Dollars Are a Girl's Best Friend? Female Tourists' Sexual Behaviour in the Caribbean. *Sociology* Vol. 35, No. 3, 2001, pp. 749–764

TRUONG, Thanh-Dam: *Sex, Money and Morality: Prostitution and Tourism in Southeast Asia*. Londres, Zed Books, 1990.

WAGNER, Ulla and YAMBA, Bawa: Goin North and Getting Attached: The Case of Gambians. *Ethnos*, Vol. 51: III-IV, 1986, pp. 199-220.